

Manaus, domingo, 16 de agosto de 1987

a crítica ESPECIAL 7

**Geólogos denunciam**

# Minérios fazem crescer as reservas indígenas

Há todo um processo em curso, no sentido de fazer crescer as chamadas áreas indígenas, sempre que surgem fora das delimitações já existentes comprovação da presença de reservas minerais. Trocando em miúdos: quando aparece minério em algum lugar, prontamente as forças missionárias se movimentam, em Brasília, para levar o governo a aumentar as áreas reservadas aos índios, de modo a englobar as partes onde a presença mineral ocorreu, mesmo que nessas partes não exista um único índio.

A denúncia está sendo feita pelos geólogos João Orestes Santos, da Sociedade Brasileira de Geologia e Frederico Cruz, presidente da Associação Profissional de Geólogos do Amazonas. E é calçada em exames de documentos emitidos por órgãos que se apresentam como defensores dos povos indígenas e que têm os recursos para suas atividades em território brasileiro, financiados por organismos e até governos estrangeiros. Os denunciadores não têm nada de sensacionalistas e até pelo contrário, chegam a afirmar que "não questionamos a política indígena vigente e nem o direito das comunidades indígenas de terem suas áreas convenientemente demarcadas. O que condenamos — e como por certo o fazem outros brasileiros preocupados com a desnacionalização de importantes fatias do Brasil — são reservas em áreas onde não existem índios e o crescimento periódico de várias áreas indígenas, em função da presença de recursos minerais".

Para comprovar o que afirmam, os geólogos pinçam dois expressivos exemplos: as áreas indígenas no alto Rio Negro, até 1984 tomavam uma grande região que formava um C invertido, ao longo da fronteira com a Colômbia. Havia uma outra área, formando uma espécie de ilha engastada no território norte-amazonense, concedida aos índios Baniwas. Na primeira e maior área, estão os Tukanos e Macus. A comprovação dessas áreas pode ser feita pelos mapas da Amazônia Legal publicados pelo IBGE/Radam, em 1983 e pela Funai, em 1984.

Bastou no entanto que as empresas Goldamazon e Paranapanema anunciassem, em 1984, a existência de importantes depósitos auríferos nas lo-

calidades de Caparro e Taira, ambas fora das primitivas áreas indígenas, para que o Conselho Indigenista Missionário propusesse, conforme consta de um mapa do Cimi editado em Berlim, Alemanha, a ampliação do C invertido, de modo a englobar aquelas duas localidades.

O outro exemplo localiza-se no Território de Roraima, onde os limites da área indígena Yanomami, conforme proposta do Cimi e da CCPY (Comissão pela Criação do Parque Yanomami), em 1979, tiveram sua dilatação pedida em 1982, logo depois que nos anos anteriores de 1980 e 1981, a Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais — CPRM e garimpeiros, descobriram ouro em duas localidades, as quais foram engolfadas pelas novas lindas propostas. E

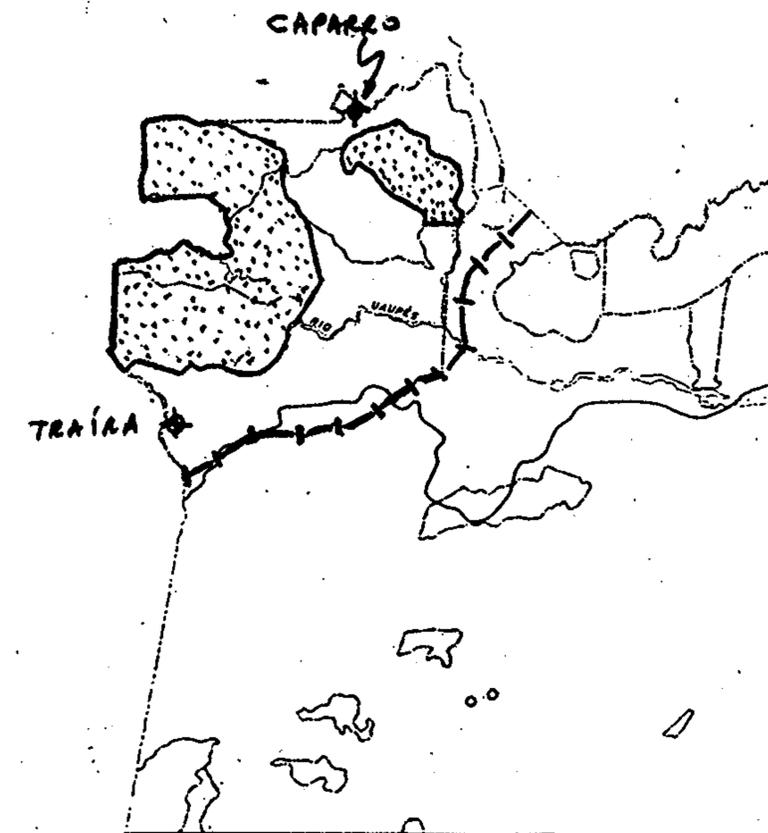
observe-se: nessa região acrescida à área anterior, não existe um único índio. Mas existe ouro e parece ser isso o que interessa aos defensores dos silvícolas. As fontes dessa informação encontram-se no relatório da CCPY (Comissão pela Criação do Parque Yanomami), que é uma entidade financiada pela ARC (Anthropology Resource Center), da Noruega, e pela IWGIA (International Workgroup for Indigenous Affairs), da Dinamarca.

A CCPY é uma entidade financiada, como se viu acima, com recursos oriundos da Noruega e da Dinamarca. Quem diz isso é o próprio relatório daquela instituição, em 1982. Ali está, em claro e bom português, um agradecimento à ARC e à IWGIA "por sua compreensão, apoio e financiamento".

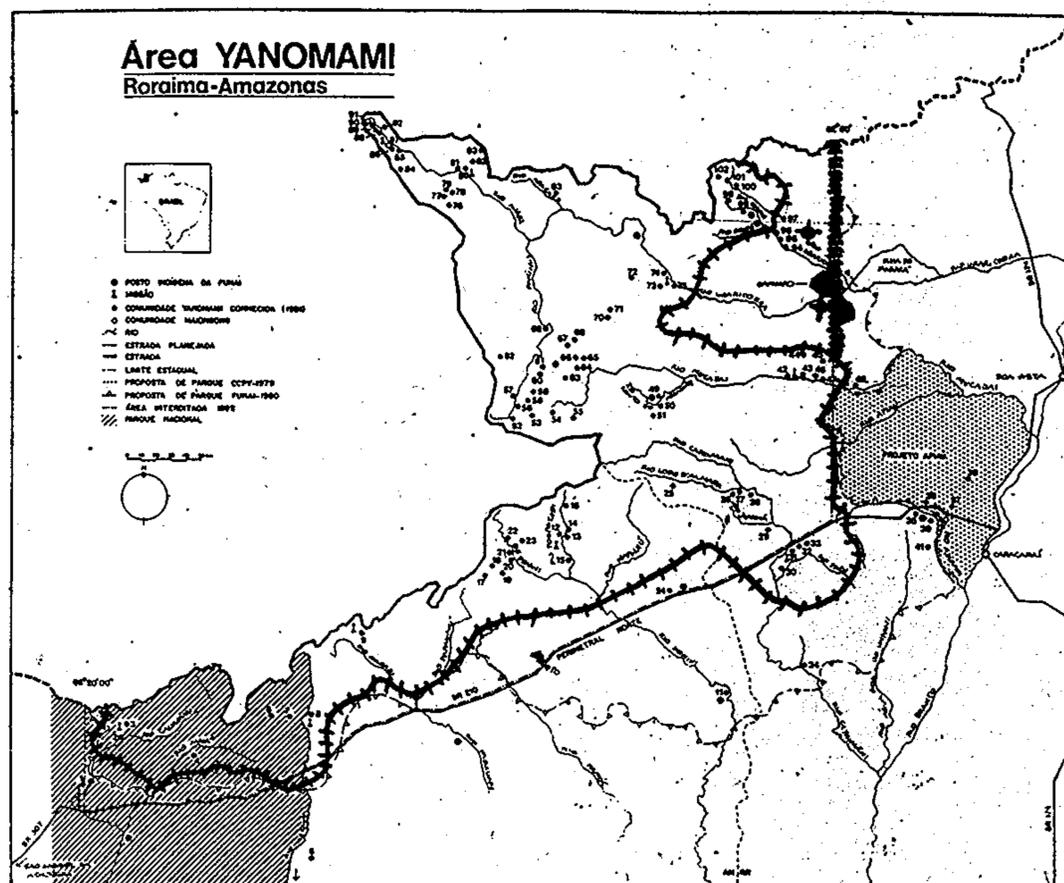
**CAMPOS DE POUSO**

Na área Yanomami, que tanto preocupa aos piedosos noruegueses e dinamarqueses que para ali mandam seu dinheiro (leia-se multinacionais interessadas em que o Brasil não explore seus recursos minerais), existem 12 pistas de pouso para aviões, e ali atuam missionários estrangeiros ligados a três entidades diferentes: a "Asas do Socorro" (dos Estados Unidos), a MEVA (Missão Evangélica do Vale do Amazonas), também norte-americana e a CCPY-Cimi (esta com recursos cuja origem é grandemente diversificada, podendo-se nelas, no entanto, comprovar dinheiro procedente da Noruega e da Dinamarca).

A ação desses diferentes grupos de missionários é bastante distinta entre



A área indígena do Alto Rio Negro, conforme se vê pela linha interrompida e cortada, cresceu em função do surgimento de ouro em Caparro e no Traíra.



A linha reta e vertical de pequenos cortes mostra a ampliação pedida pelo Cimi, em 1982, da área primitiva (assinalada pelo traço contínuo com pequenos traços), tão logo surgiram jazidas auríferas nos pontos marcados pelas duas cruzes.